

Neofascismo, Fascismo, Machismo e seus Efeitos Discursivos: das Ações Coletivas na análise do *Impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff

Déborah Maria Bianchin Pacheco

Natalia Paganini Godoy Maciel

Acadêmicas do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG.

Renata Vilela Rodrigues

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO/UFMT). Professora e Orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG.

Resumo

O presente artigo objetiva estudar os impactos dos discursos fascistas e neofascistas nas relações de poder na política brasileira durante o ano de 2016, analisando o cenário do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e considerando as ações coletivas do país em relação à figura de poder do sexo feminino. A partir da revisão integrativa da literatura e da análise do documentário *Democracia em Vertigem*, percebemos que fatores externos ao sujeito, como a mídia, as relações de poder, questões de gênero - aqui representadas no machismo e sexismo - se entrelaçam ao sujeito enquanto ser subjetivo, em um cenário onde individualidade e coletivo são retratados através de discursos fascistas e neofascistas sustentados por uma alienação social. Concluimos que, por ser uma pauta complexa em sua existência, carregada de especificidades, há muito o que ser investigado e analisado, tratando-se de um trabalho que demandará um conglomerado de perspectivas para que se alcance parte dessa complexidade e sua possível capacidade de gerar mudanças concretas no meio social brasileiro quando dizemos sobre atos coletivos machistas.

Palavras-chaves: Alienação Social. Dilma Rousseff. Heteronomia. Autonomia. Discursos Midiáticos.

Abstract

The present article aims to study the impacts of fascists and neo-fascists discourses on power relations in Brazilian politics during the year of 2016, analyzing the scenario of the *impeachment* of the former president Dilma Rousseff and considering the country's collective actions in relation to the female power figure. From the integrative review of the literature and the analysis of the documentary *Democracy in Vertigo*, we realize that factors external to the subject, such as the media, power relations, gender issues - represented here in machismo and sexism - are intertwined with the subject as a subjective being, in a scenario where individuality and collective are portrayed through fascist and neofascist discourses sustained by a social alienation. We conclude that, because it is a complex agenda in its existence, loaded with

specificities, there is much to be investigated and analyzed, being a work that will demand a conglomerate of perspectives to achieve part of this complexity and its possible ability to generate concrete changes in the Brazilian social environment when we talk about macho collective acts.

Key-words: Social Alienation. Dilma Rousseff. Heteronomy. Autonomy. Media Discourses.

1. Introdução

Este artigo objetiva estudar os impactos dos discursos fascistas e neofascistas nas relações de poder na política brasileira durante o ano de 2016, analisando o cenário do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e considerando as ações coletivas do país em relação à figura de poder do sexo feminino. Além disso, foi realizada a análise do documentário *Democracia em Vertigem*, dirigido por Petra Costa (2019), a fim de abarcar maiores detalhes acerca do *impeachment* da ex-presidenta. Em específico, foi analisado como discursos midiáticos afetam a política e o comportamento em grupos sociais; como papéis de liderança são desenvolvidos e; refletido acerca das possíveis consequências das ações coletivas alienadas considerando as relações de poder que as permeiam.

Debatemos criticamente no presente texto a relação dos atos machistas e sexistas em torno do cenário do golpe de Dilma Rousseff, chamando a atenção para os deste no âmbito eleitoral e de posicionamento social aos leitores. Vale ressaltar que, durante a procura de referenciais teóricos e de informações quanto ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, poucos escritores brasileiros, totalizando número inferior a 10, abordaram de forma mais exclusiva as questões culturais e sociais do acontecido, considerando pontos como o machismo e o sexismo inseridos no processo de impedimento (BOITO JR., 2021; FIORIN, 2009; MIGUEL, 2002; MORITZ.; RITA, 2020; NEGRI, 2002).

Para alcançar os objetivos da pesquisa, fundamentamos em cinco tópicos, de modo que no primeiro, “*O papel do discurso*” realizamos uma retomada conceitual dos termos Massas, discursos, facismo e neofacismo, bem como a relevância destes termos na pesquisa e para uma compreensão integral da problemática aventada neste trabalho. No segundo tópico, “*Metodologia*”, apresentamos e detalhamos a metodologia de pesquisa empregada, bem como as formas de filtrar e selecionar os artigos que integrariam este trabalho. No terceiro, “*Fascismo e Alienação Social: Da idealização ao ato*”, problematizamos de que maneiras os discursos fascistas e neofascistas estão relacionados à alienação social e, conseqüentemente, presentes em atos relacionados ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. E, no quarto, “*Impeachment de Dilma: O que está em jogo?*”, debatemos sobre a autonomia dos sujeitos

diante de suas condutas individuais inserida no coletivo, direcionado pelos discursos, governamentalidade e poder, com ênfase nas diferenças abordadas pelas diferenças de gênero nesses espaços de direcionamento. E, por fim, nas “*Considerações Finais*” recapitulamos as abordagens gerais do artigo, a fim de demonstrar as diversas perspectivas sobre uma mesma temática, e ainda, as possibilidades de relação entre todas.

2. O papel do discurso: por uma clínica psicológica-política

Entendemos ser relevante realizar a descrição dos seguintes termos, que serão utilizados com frequência no atual estudo: Psicologia das Massas; Sugestionabilidade da massa e; Fascismo e Neofascismo.

Para Negri (2002), em seu escrito *Para uma definição ontológica da multidão*, a multidão é tratada como um conjunto de pessoas singulares que, por não apresentarem homogeneidade, não possuem representação, é considerada uma multiplicidade de indivíduos que constituem um universo. Ao contrário, para o supracitado, as massas são vistas como força social carregada de irracionalidade, passiva, violenta e perigosa em si por ser facilmente manipulável. Nesse sentido, a Psicologia das massas é expressa pelo estudo do ser individual inserido em grupos mais extensos, denominados de massas que, por estarem agora inseridos nestas, perdem seu caráter singular e crítico, sendo movidos pelo espelhamento de ações. Dessa maneira, o comportamento manada foi descrito aqui como comportamentos unânimes, homogêneos ao grupo em que o sujeito está inserido.

Le Bon, em *Psicologia das Multidões* (1895), adentrava em suas falas sobre o poder das multidões na sociedade, onde, para o autor, as transformações davam-se, primordialmente, através das opiniões, das concepções e das crenças dos indivíduos. Foi pertinente utilizar com recorrência o termo “multidões”, preterido por Le Bon, como sinônimo de ações coletivas na presente pesquisa. Para o supracitado, “A voz das multidões tornou-se preponderante. É ela que dita aos reis a sua conduta. Os destinos das nações não se jogam já nos conselhos dos príncipes, mas sim na alma das multidões” (LE BON, 1980, p. 05). Nessa linha de pensamento, tornou-se invariável a percepção de que a linguagem proferida em discursos políticos vá causar efeito em demasia na população, partindo do princípio de que o ser humano se forma em suas relações sociais, enlaçadas por subjetividades e vieses.

O discurso, nesse cenário, é o veículo principal na disseminação de pensamentos, seguindo a lógica de que “O discurso é a atividade verbal social” (FIORIN, 2009, p. 149). A língua, ainda de acordo com Fiorin (2009), é constituída através da história e, uma vez

desenvolvida histórica e culturalmente, impõe aos falantes uma forma de se organizar o mundo externo. Logo, ao estudar as ações coletivas inseridas no mundo, percebe-se um vínculo estabelecido entre a linguagem trazida à público e as formações de pensamento que virão a partir dela, cabendo, então, o afinamento de como os discursos fascistas e neofascistas afetaram, e ainda afetam, as multidões e seus comportamentos.

Vemos neste trabalho o discurso como uma narrativa que requer um conglomerado de diferentes visões, de modo que a subjetividade dos discursos, ao serem estudados e se relacionarem, acometa uma nova narrativa, um novo discurso regado da parcialidade de diferentes narrativas. Tratando-se de um artigo de cunho social, é invariável que as bases teóricas tenham incitado uma narrativa diversa no atual artigo, mesmo que a objetividade seja um dos focos em certos aspectos dentro de uma pesquisa, tratar do social requer a análise das falas e subjetividades que regam essa área.

O aspecto crítico presente em pesquisas sociais exige, de uma maneira ou de outra, o contato com as mais diversas narrativas presentes nos campos prático e teórico do fazer científico, trazendo, então, a abertura para a criação e interlocução das falas presentes no plano escrito, como apontam Galindo, Martins e Rodrigues (2014), as narrativas não espelham qualquer realidade necessariamente, mas são conjuntos de histórias que interseccionam e se interconectam, podem ser descritas como mundos compostos e recompostos a partir de suas inter relações.

Foucault (1970) supõe que em todas as sociedades a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída, podendo a formação do discurso integrar procedimentos de controle e, ao contrário, as figuras do controle podem se integrar dentro de uma formação discursiva. Dessa maneira, ao considerar o fenômeno discursivo, é essencial que se explore seus arredores, os acontecimentos que o cercam e como se expandem socialmente, considerando que, para Foucault, o discurso é um acontecimento, uma criação do meio social como um todo, amparado na historicidade que deu bases ao discurso desenvolvido. Para o autor, uma das formas de se redistribuir as falas discursivas é através dos comentários que são elaborados a partir do discurso primeiro, são narrativas que se contam, se repetem e se variam. O comentário cresceu em sua capacidade, de modo que este vem a ocupar o primeiro lugar em relação a um discurso feito, abrangendo o alcance e variações de um discurso feito, mas também podendo acarretar no desaparecimento das falas anteriores aos comentários. “...o comentário não tem outro papel...senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro.” (FOUCAULT, 1970, p. 25). Ademais, faz-se essencial para Foucault a análise crítica

e genealógica do discurso, ligando-se às suas raízes, desdobramentos, aspectos da sua formação e dentre outros pontos que colaborem para uma análise mais ou menos completa do fenômeno.

Para além disso, é relevante dizer que Foucault (1970) traz em diversos momentos a vontade de verdade presente em variados tempos do mundo social, em que há uma vontade subjetiva de se buscar pela verdade naquilo que está sendo dito discursivamente. Como discorre o autor: “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1970, p. 18).

Tais apontamentos levam a questionar quais são as verdades presentes nos discursos e como diferenciá-las, trazendo, em seguida, a luz da análise das funções dos comentários no meio discursivo, visto que, de acordo com Foucault (1970), comentários são discursos contados, repetidos e que se variam, dizendo pela primeira vez aquilo que já havia sido dito e repetido com exaustão aquilo que jamais foi dito em um texto primeiro.

Seguindo o raciocínio proposto, estão o fascismo e seus discursos. O fascismo foi entendido aqui como a disseminação do conservadorismo, sendo este antiliberal e antidemocrático, em que os discursos dessa natureza seriam expostos à sociedade de modo que a emoção do indivíduo seja a primazia do seu crédito, a fim de evitar toda e qualquer argumentação objetiva (REICH, 1933). Em outras palavras, o fascismo pode ser entendido como o autoritarismo imposto a uma sociedade, seguindo as visões de uma determinada pessoa e/ou grupo de pessoas, calcado pelo argumento da sobreposição nacionalista na sociedade. No que condiz ao neofascismo, este ampliou as bases do fascismo tradicional, carregando suas características, mas trazendo, para além do movimento de massas, aspectos contemporâneos que vão contra o pensamento crítico e ações coletivas que não estejam adequadas aos ideais que estejam sendo propostos (BOITO JR., 2021).

Segundo Stanley (2018), a política fascista atua no intuito de se livrar das normas democráticas instituídas em sociedade, líderes fascistas se empenham em mascarar a não-liberdade a partir da defesa de que uma mudança na ordem social garantirá a estabilidade de determinado Estado-nação. Os discursos fascistas e neofascistas se pautam na desumanização de segmentos sociais, buscando separar os públicos a fim de dificultar a articulação entre união e o bem-estar social (STANLEY, 2018). Como foi discutido anteriormente, o discurso é uma das formas principais de se disseminar pensamentos e, conseqüentemente, moldar os comportamentos que advêm desse pensar. No caso dos discursos regados por ideais autoritários e suas variações, a alienação das mentes é um dos pontos essenciais para que a divisão pública

seja concretizada, desenvolvendo uma falsa noção prioridade de um segmento social em relação a um outro oprimido.

Tais aprofundamentos teóricos acerca de discurso, poder e ação coletiva, em vieses políticos, foram transpostos ao território brasileiro, considerando os aspectos socioculturais do país, dando cabo a uma análise feita sobre o papel da temática proposta em dimensão nacional. Compreendendo o fascismo e o neofascismo como uma forma de autoritarismo que visa impor certas visões de mundo e valores ao espectro social, de modo que objetivos pessoais sejam alcançados, tornou-se possível refletir sobre a construção da opinião pública como uma atitude de manobra velada por aspectos midiáticos de opinião populacional e apagamento da autonomia de atores, como a invisibilização da própria ex-presidente em seu processo de *impeachment*.

Nesse sentido, ao mover a discussão proposta para o viés da ciência psicológica, a constituição de uma clínica política se faz presente, sendo que esta marcou-se pela contribuição da Psicologia social, comunitária, clínica, institucional e educacional como forma de se atuar publicamente contra os modelos de cuidado estritamente tecnicistas, levando em consideração a realidade concreta dos encontros que compõem a vida social (LEMOS *et al.*, 2015). A clínica política se posiciona em prol da busca pelos direitos, é o “Exercício clínico em intercessão com os saberes da educação popular, dos movimentos sociais, de resistências à tutela, de trabalhadores e grupos que sofreram vitimizações variadas.” (LEMOS *et al.*, 2015, p. 06). Dessa forma, o fascismo e o neofascismo, enquanto formas autoritárias de se instituir um modo conservador de vivência, vão contra o que Nascimento (2012), mencionado por Lemos e seus colaboradores (2015), traz como potência criativa ou transformacional de uma vida ainda não domesticada pela biopolítica. Dos encontros existentes no cotidiano, o fascismo e o neofascismo podem ser vistos aqui como redutores das potencialidades de vida dos grupos oprimidos por essas modalidades de regime, considerando que, nem todos os encontros que afetam os sujeitos agem no indivíduo de modo a aumentar seu potencial de existência. Pelo contrário, ser afetado por certas forças externas acabam exigindo do oprimido possibilidades de resistência para encarar a realidade sofrida.

Nas bases apresentadas acima, foi trazido à luz das discussões como as ações coletivas mencionadas podem ser alienadas por discursos fascistas e neofascistas, ações estas que foram analisadas nos vieses do solo brasileiro. Nessa direção, nos indagamos: quais ações coletivas, relacionadas ao *impeachment* de Dilma Rousseff, no ano de 2016, são alienadas por discursos fascistas e neofascistas na sociedade brasileira? Como avaliar a liderança coletiva sobre a massa? Quais seriam as possíveis influências do sexismo e machismo estrutural, atrelados aos

discursos fascistas e neofascistas, por ter como figura pública uma mulher em posição de liderança?

3. Metodologia

A presente pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-explicativo, compreende como discursos fascistas e neofascistas realizados na política produzem ações coletivas alienadas na sociedade brasileira contemporânea. Segundo Richardson e cols. (2012), a finalidade da pesquisa qualitativa é tentar compreender detalhadamente o significado e características da situação que é apresentada, nesse caso, as ações coletivas supramencionadas. Nesse mesmo sentido, Gil traz que o andamento de tal pesquisa “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (2002, p. 133).

Quando de cunho descritivo-explicativo, visa explicar de forma expositiva e detalhada as características estabelecidas da relação entre as variáveis. Pesquisas dessa natureza têm como preocupação principal identificar os fatores que determinam ou que contribuem para o acontecimento dos fenômenos estudados, sendo consideradas pesquisas que mais aprofundam o conhecimento da realidade, explicando a razão, o porquê das coisas (GIL, 2002).

Ademais, como a metodologia que foi utilizada para agrupar tais fenômenos ao artigo em questão é a de pesquisa bibliográfica e a documental. A pesquisa bibliográfica concerne em material que já tenha sido elaborado, já existente, constituído em sua maioria por artigos científicos e livros. Por tal razão, expandem-se as possibilidades de visões e direcionamentos da pesquisa, considerando a série de fenômenos alcançados e permitindo maior alcance histórico, uma vez que fatos passados estão relacionados à tal pesquisa, exigindo assim dados bibliográficos (GIL, 2002). Para esta, estabelecemos quatro descritores: alienação; psicologia das massas; líder; Dilma Rousseff. Como bases de dados, utilizamos o *Brasil Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e Periódicos CAPES.

Compuseram a presente pesquisa textos científicos que: (1) os indexadores estivessem no período comportado entre os anos de 2015 - 1 ano anterior ao *impeachment* - e 2022; (2) possuísem como temática a liderança a frente do *impeachment* da Dilma Rousseff, considerando a alienação diante dos movimentos em massa e; (3) tivessem sido publicações brasileiras escritas na língua portuguesa.

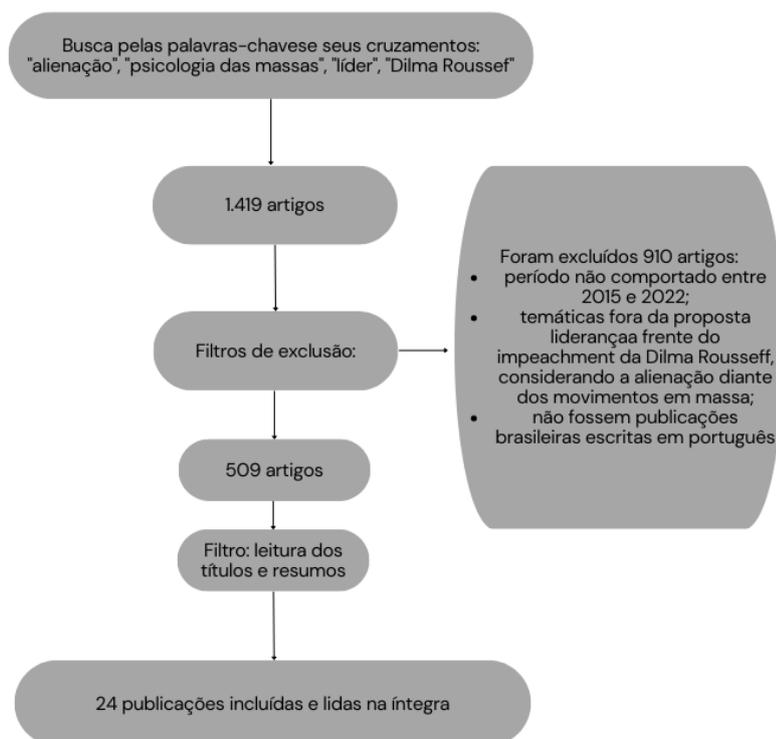
Foram excluídos desta pesquisa, textos científicos que: (1) os indexadores não estivessem no período comportado entre os anos de 2015 - 1 ano anterior ao *impeachment* - e 2022; (2) focalizados em temáticas fora do proposto pelo presente artigo, acerca da liderança a frente do *impeachment* da Dilma Rousseff, considerando a alienação diante dos movimentos em massa; (3) que não fossem publicações brasileiras escritas em português, para não haver bibliografias excedentes e as discussões propostas pudessem se dar de maneira mais exclusiva e detalhada em território nacional;

Inicialmente, somando os resultados oriundos das buscas pelas quatro palavras-chaves delimitadas para este arquivo, foram encontrados 1.419 artigos, dos quais: 309 resultados se reportavam à palavra “alienação”, que utilizando os critérios de exclusão passaram a ser 187, encerrando em 6 após filtrarmos quais seriam lidos; com a palavra-chave “psicologia das massas”, 23 resultados foram encontrados, sendo excluídos 14 após analisados em relação aos critérios de exclusão, e chegando a conclusão final após filtragem de que nenhuma das publicações seriam utilizados neste presente artigo; 944 resultados foram encontrados quando buscada a palavra-chave “líder”, restando 219 após aplicados os critérios de exclusão, sendo selecionado após filtro 3; ao pesquisar “Dilma Rousseff” encontrou-se 138 resultados, restando 85 após aplicados os devidos critérios para exclusão, sendo selecionado 13 destes para leitura em sua integralidade.

Ainda, utilizamos o cruzamento das palavras-chaves, com o intuito de ampliar as possibilidades dos resultados, de modo que encontrou-se 8 resultados, assim dispostos: “psicologia das massas” e “alienação” resultaram em 2 artigos, onde após aplicar os critérios de exclusão e filtro descartamos ambos; cruzando “psicologia das massas” e “líder” e vice-versa encontrou-se 1 única publicação idêntica, mantida para este artigo mesmo após aplicados os critérios de exclusão e filtragem; por fim, ao cruzar as palavras-chaves “líder” e “Dilma Rousseff” e vice-versa, foram encontrados 2 artigos, que após passarem pelos critérios de exclusão e filtro resultaram em 1 único escolhido para integrar as leituras totais.

Totalizando ao término 24 publicações incluídas para leitura na íntegra, as quais temáticas abordadas relacionavam-se diretamente com a proposta deste artigo, traçando paralelos ao que foi discutido aqui: os discursos fascistas e neofascistas das ações coletivas no *Impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff, alinhados aos incidentes críticos encontrados, como exemplificado na Figura 01.

Figura 1 - processo de seleção dos trabalhos, Cuiabá, MT, Brasil, 2023.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras

Já a pesquisa documental, como aborda Gil (2002), vale-se de materiais que ainda não foram analisados de alguma forma ou que ainda podem ser reelaborados em consonância com os objetos da pesquisa, sendo dotada de fontes muito mais diversas e dispersas, em comparação à pesquisa bibliográfica. A análise de documentos consiste, então, em um estudo crítico e analítico de informações que não foram foco de estudo de maneira prévia, informações estas dispostas pelo meio social de modo abrangente, trazendo, dessa maneira, um caráter independente das conclusões que poderão ser tomadas frente aos objetos de análise escolhidos.

Nesse mesmo sentido, fizemos uma análise dos conteúdos presentes no documentário “Democracia em Vertigem”, a fim de retratar cronologicamente como se deu o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, e analisar as imagens e fatos históricos do ponto de vista dos discursos fascistas e neofascistas presentes, considerando ainda o sexismo e machismo contido em tais discursos, uma vez que se torna indispensável, considerar a presença do sexo feminino na política brasileira e a contextualização da mulher e seu papel na sociedade como um todo. Para produzir os dados do documentário que usamos neste trabalho, além de o

assistirmos, transcrevemos na literalidade as falas e informações do que estava alinhado à pesquisa, tendo como direcionamento as 24 publicações incluídas e lidas na íntegra.

Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. Para tanto, ponderou-se algumas considerações éticas indispensáveis para o andamento deste artigo, fundamentadas segundo a ideia Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012), a fim de revisar os fatos relacionados ao artigo proposto, identificando questões e diretrizes que sejam relevantes, ao mesmo tempo em que são respeitados distintas visões e métodos ou procedimentos empregados. Ainda segundo os autores, para o fazer ético não só serão revisados os fatos situacionais, como também identificadas as questões éticas, diretrizes e leis relevantes para sua viabilização.

De acordo com Dorsa (2020, p. 01), “[...] a revisão oportuniza aos pesquisadores a elaboração de textos a partir de uma perspectiva histórica sobre determinado tema, tanto em nível nacional quanto internacional”, isso significa dizer que realizar uma pesquisa com base na revisão de literatura implica, de alguma forma, adentrar o universo social das bases bibliográficas utilizadas. Assim como, é discorrido na temática proposta, sobre o efeito dos discursos na sociedade, o discurso realizado em pesquisas entra como ponto importante na revisão de literatura, considerando o fato de que é necessário minúcia ao escolher as bases bibliográficas utilizadas para montar as discussões pretendidas.

Dito isso, alguns riscos sociais que podem se fazer presentes são a tradução incorreta de textos utilizados, a má interpretação do que foi dito nas bibliografias de base, a modificação do sentido primário daquilo que foi dito e a incorrência de plágio. Considerando que, ao escrever, dispomos nossa subjetividade e cultura naquilo que está sendo escrito, é preciso visualizar que as informações podem ser dissonantes da realidade, visto que a paráfrase de uma obra pode ser feita de diversas maneiras. Werneck (2006, p. 176), “Não se pode imaginar que possa, cada um, “construir” o seu conhecimento de modo totalmente pessoal e independente sem vínculo com a comunidade científica e com o saber universal”. Ou seja, a atenção do pesquisador é requerida ao falarmos de plágio, pois nosso conhecimento é construído psicossocialmente, ou seja, se a informação for válida, provavelmente terá uma fonte, mesmo que o pesquisador não se recorde.

Além disso, a barreira cultural e linguística de obras internacionais traz a possibilidade de distanciar a tradução daquilo que está sendo dito realmente. Este ponto é visualizado na Psicologia, com as obras de Freud (1915), ao utilizar para a palavra *Verdrängung* o significado de recalque ou repressão, embora esse sentido tenha sido construído socialmente para melhor

entendimento do termo, sendo que sua significação teórica não é aquela tida pelos estudiosos psicanalistas.

Alfim, ao realizar uma pesquisa cientificamente social, como é o caso desta aqui proposta, ao realizar a leitura das bibliografias escolhidas, é necessário que o máximo de parcialidade crítica seja disposta, visando trazer a subjetividade do pesquisador à pesquisa sem que, entretanto, haja modificação do sentido das informações recolhidas. É preciso reconhecer que ao dispor de assuntos psicossociais, torna-se difícil alcançar a neutralidade do pesquisador nas discussões, visto que foi justamente sua subjetividade que possibilitou a escolha do tema, mas ao dispor informações, estas podem ser apresentadas de modo imparcial, mesmo que minimamente.

A base metodológica que corroborou para as análises feitas no referido arquivo se deu a partir dos escritos do autor Michel Foucault, em seu livro *A Ordem do Discurso* (1970). Tal base visou apresentar a teoria realizada pelo filósofo e como ela atuou na análise dos discursos que foram analisados. Foucault (1970) inicia seu livro discorrendo sobre o fato de que, em sociedade, há assuntos interditos, sendo a sexualidade e a política temas mais cerrados no meio social, mas, além disso, explora a origem e caminhos tomados pelo discurso. O autor em questão busca aprofundar sobre as formas discursivas presentes em sociedade, como elas se entrelaçam e como se limitam em suas possibilidades.

Cabe trazer dois conjuntos percorridos por Foucault (1970), ao analisar um discurso, o crítico e o genealógico. O primeiro condiz com a capacidade de interpretar criticamente aquilo que é separado em sociedade entre o aceito e o interdito, de modo que seja analisado como os discursos se rarefazem, se reagrupam e se unificam em outros discursos. O segundo diz respeito a maneira como os discursos se formam, quais os caminhos normativos e as condições que favoreceram seu aparecimento, crescimento e variação. Como apresenta o autor, "...a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação" (FOUCAULT, 1970, p. 70). Logo, percebe-se uma densa corrente de conhecimentos para que a análise apropriada, mas nunca findada, chegue a termo.

A partir da análise discursiva dos materiais científicos que compõem a revisão de literatura e dos conteúdos presentes no documentário, dividimos as discussões no presente artigo em dois eixos: (1) Fascismo e alienação social: Da idealização ao ato e; (2) *Impeachment* da Dilma: o que está em jogo?.

4. Fascismo e Alienação Social: Da idealização ao ato

Cabe introduzir aqui, brevemente, uma linha temporal sobre o surgimento dos tópicos sugeridos, sendo estes as ações coletivas e as relações de poder inseridas nestas, assim como o papel do discurso em tais assuntos. No que condiz a produção de ações coletivas alienadas, foi feita uma retomada acerca do surgimento da referida temática, suas relevâncias em termos de pesquisa e demais definições teóricas que se façam pertinentes para uma compreensão integral da problemática mencionada.

Socialmente falando, a análise da mídia como preponderante incitador de opiniões públicas se dá na busca de elucidar ao público qual o papel que os veículos midiáticos têm prestado para o meio social. Tal apontamento torna-se relevante na medida em que se torna frequente nas pesquisas o seguinte questionamento: a mídia, como propagadora de informações, permanece com seu papel primário de imparcialidade quanto a estas? Esta questão se apresenta como quase indissociável da discussão aqui proposta, considerando que um possível enviesamento sensacionalista de “informações” pode atuar como um dos propulsores do comportamento de massas no mundo tecnológico, comportamentos estes manipulados em prol dos interesses daqueles que se encontram em posições privilegiadas no país. Como aponta Miguel (2002), as vozes externalizadas na mídia são nada mais que representantes do âmbito social, vozes estas carregadas por parcialidades, logo, não alcançando de forma democrática todos os segmentos sociais presentes no país. Desse modo, brevemente, visualiza-se o que se pretende ser investigado.

Antes disso, considera-se que o principal objetivo de um indivíduo ao disseminar um discurso é fazer com que o interlocutor compartilhe de suas ideias e aja de acordo com as expectativas desse sujeito, visto que o discurso em si é capaz de constituir sujeitos, relações de poder e estruturas da sociedade (FERREIRA, 2021). A alienação social entra, neste sentido, como um perigo ao receber as falas propagadas em posições de poder e disseminadas, comentadas, pela população. A alienação da sociedade pode ser tida como uma constituição de indivíduos, através de práticas discursivas, que aceitam sem criticidade aquilo que recebem do meio externo, formando padrões de pensamento e comportamento entre determinados grupos, de modo que se tornem um aspecto comum entre as pessoas, gerando sentimentos de identidade e pertencimento, em que uma corrobora a alienação da outra, alheias a discursos que não entram de acordo com aquilo que foi edificado em sua mente. Para isso, há o efeito do contágio, como aborda Le Bon (1980), que tem o poder de impor aos homens não somente certas opiniões como também formas de sentir, visto que é através do contágio que opiniões e crenças são propagadas. Segundo Le bon, cria-se a afirmação de uma fala, um discurso, que, após repetido diversas vezes, contagia a mente das multidões.

Para além do campo teórico, uma forma efetiva de se colocar em prática os ideais mencionados é o uso do discurso como maneira de se instituir comportamentos homogêneos, valendo-se da comunhão grupal para uma concretização de valores e ideais a nível mais expansivo socialmente falando, motivada psicologicamente pela identificação entre indivíduos, gerada pela natureza da massa em que estes se inserem. À exemplo disso, é possível analisar as falas proferidas durante os protestos contra a ex-presidenta, possível de se visualizar durante o documentário *Democracia em Vertigem* (2019), em que o público se manifestava com discursos como “*Por minha família*” e “*Pelo povo de Deus*”. Estas falas trazem um objeto comum como possível estratégia para a identificação de indivíduos, de modo que, como apontam Capitão e Heloani (2007), a identificação entre as pessoas é um fenômeno que ocorre através de um ponto comum existente entre elas, sendo o processo de identificação interpessoal uma das condições necessária e suficiente para a formação de grupos.

A separação de indivíduos serve de impulso para os efeitos da identificação social em grupos, pois como aborda Stanley (2018, p. 10), “Quando classificações e divisões sociais se solidificam, o medo substitui a compreensão entre os grupos”. A separação de pessoas, através da negação de certos valores, crenças e ideais, assim como da aceitação de outros, pode ser considerada uma das formas de se quebrar vínculos e fomentar a diferença, acarretando na divisão grupal e o conseqüente enfraquecimento de um dos pólos defendidos. As tensões e desavenças geradas pela oposição de ideias servem como arma para a mudança de foco do debate principal, para a manipulação de grupos através da construção de uma visão inflexível afunilada para um só caminho. O documentário analisado expõe diversas vezes a separação em polos, quase natural, que se deu durante os protestos realizados em 2016, acirrando a atual partidarização política do país.

Stanley (2018) traz que, em uma política fascista, os progressos alcançados por grupos minoritários estimulam sentimento de vitimização na população dominante, de modo que haja uma separação entre “nós” e “eles” no meio social, onde aquele é representado por quem está inserido no meio dominante e estes são vistos como criminosos que representam ameaça à nação. Bolsonaro, no documentário *Democracia em Vertigem* (2019), expressa essa teorização em poucas palavras quando, ao se lançar candidato à presidência durante o *impeachment* de Dilma Rousseff e prisão do então ex-presidente Lula, traz a fala “*Nós somos a maioria. Juntos construiremos uma nova nação*”. Após a prisão de Lula, o apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro cresce, apoiado por falas que corroboram a divisão dos brasileiros.

Nessa linha de pensamento, é invariável a percepção de que a linguagem proferida em discursos de viés político vá causar efeito na população, discurso, poder e ação estão, na

concepção aqui estudada, intimamente relacionados. Sendo o discurso, nesse cenário, o veículo principal na disseminação de pensamentos, seguindo a lógica de que “O discurso é a atividade verbal social” (FIORIN, 2009, p. 149). Ainda de acordo com Fiorin (2009), a língua é constituída da história e, uma vez desenvolvida histórica e culturalmente, impõe aos falantes uma forma de se organizar o mundo externo, como a partir de formações grupais. Logo, ao estudar as ações coletivas inseridas no mundo, percebe-se um vínculo estabelecido entre a linguagem trazida à público e as formações de pensamento que virão a partir dela, cabendo, então, o afunilamento de como os discursos fascistas e neofascistas afetaram, e ainda afetam, as multidões e seus comportamentos.

Além disso, há de se considerar o papel da mídia na formação de tais pensamentos, visto que, no mundo atual, a mídia é o principal instrumento de difusão das visões existentes e dos projetos políticos que entram em campo (MIGUEL, 2002). Dentro da produção midiática, como veículo (in)formativo, deixou-se de lado a busca pela imparcialidade, no caso do presente artigo, referente aos acontecimentos políticos. A mídia é tida como um espaço não somente de disseminação de informações, mas de produção de subjetividades, através de discursos posicionados, enviesados, que “Não reportam: interferem no fato e passam a ser o fato.” (NUNES, 2004, p. 360, *apud* MORITZ; RITA, 2020, p. 214). É possível visualizar esse fato no *impeachment* da ex-presidente Dilma, que teve seu impedimento consumado pelos políticos e pela mídia muito antes das votações. De acordo com Moritz e Rita (2020), a cobertura dos jornais Folha de São Paulo e O Globo foi desfavorável à ex-presidenta no decorrer do processo, construindo uma imagem negativa de Dilma e associando-a a escândalos políticos.

Feres e Sassara (2016) testaram a hipótese de que os jornais ‘Folha de São Paulo’, ‘O Globo’ e ‘O Estado de São Paulo’ propagaram reportagens de forma diferente quando comparado Dilma Rousseff após sua vitória eleitoral em outubro de 2014 e Aécio Neves, mesmo quando esse segundo - líder da oposição - foi alvo de inúmeras denúncias de corrupção no período pós-eleitoral. O viés negativo mediante a então presidente iniciou-se antes mesmo de seu mandato, o que impactou em seu governo diante o parlamento, sendo alimentado pela mídia cada vez mais contrária à Dilma. A destituição da ex-presidenta já havia sido assumida como verdade tanto pelos políticos quanto pela mídia, como é possível visualizar em conversa vazada 1 mês antes das votações do *impeachment*:

“*Tem que mudar o governo pra estancar essa sangria.*” – Romero Jucá, ministro do planejamento.

“*Tem que ser uma coisa política e rápida. Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel. É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional. Com todo mundo, ai parava tudo”* – Sérgio Machado, ex-presidente Transpetro (Petrobras Transporte S.A.) (Democracia em Vertigem, 2019 - grifos nossos).

O áudio vazado expressa a preocupação dos autores quanto às investigações feitas na época, sendo que, para eles, o modo ideal de cessar o processo investigativo da Lava Jato seria com a destituição de Dilma e a colocação de Temer no poder como presidente. A conversa em questão faz parte dos “bastidores” da política, espaço alheio ao acesso dos cidadãos, onde as grandes decisões são tomadas e os acordos políticos são feitos, enquanto que a mídia seria uma das representações do “palco”, espaço destinado para acontecimentos políticos de pouca relevância, usado como distração para se manter a estabilidade do sistema, perpetuando o mito da democracia como “governo do povo” (MIGUEL, 2002). Uma das funcionárias de limpeza do Palácio da Alvorada, em entrevista com a diretora Petra, no documentário analisado (2019), levantou tal misticismo ao trazer a seguinte fala: “*Bom, na minha opinião, acho que novas eleições seria melhor. Não sei se ela foi tirada pelo povo, né? Não foi uma escolha do voto, não foi uma democracia...*” (Grifo nosso).

Um ponto de grande relevância a ser explorado no processo de *impeachment* da ex-presidenta é o papel que o machismo e o sexismo exerceu nesse cenário, estes sistemas de exclusão serviram de base argumentativa para a alçada política e para os cidadãos manifestantes contra a permanência de Dilma no poder presidencial. Tanto no âmbito político quanto no meio midiático, a ex-presidenta não foi o foco do seu próprio processo de impedimento, no jornal Folha de S. Paulo, através do editorial intitulado “Dilma e o pêndulo”, a personagem principal quase não é mencionada, sendo que as personalidades públicas destacadas no processo são Lula e Temer (MORITZ; RITA, 2020). O próprio Lula, no documentário *Democracia em Vertigem*, traz uma fala que não esconde o fato de que o foco do processo não girava em torno de Dilma: “*...o impeachment da Dilma foi apenas um pretexto para chegar em mim. Né? Porque não tinha sentido eles fazer o impeachment da Dilma e me deixar voltar quatro anos depois.*”.

Dilma, a partir da fala de Lula, foi utilizada como um peão a ser descartado para a resolução de agendas maiores no meio político. Os veículos de informação também participaram da invisibilidade da ex-presidenta, sendo que, nos 62 textos da Folha de S. Paulo analisados por Moritz e Rita (2020), apenas 11 trazem a presidenta falando por si mesma, enquanto que em O Globo somente 08 matérias, de 49 textos, abrem espaço para a manifestação de Dilma sobre seu processo, sendo que “Esse silenciamento também é uma forma de apagamento da figura feminina do jogo político.” (MORITZ; RITA, 2020, p. 219). Silenciar a ex-presidenta foi a principal estratégia utilizada para o crescimento da oposição e a consumação do *impeachment*. Além disso, as falas da oposição se regaram em um viés machista e sexista para desqualificar a Dilma enquanto líder e personagem político.

Para a desqualificação de Dilma, foram utilizados, principalmente, discursos que a associam com tarefas consideradas predominantemente femininas na sociedade e falas de ordem sexual, assim como sua atuação foi associada ao atual presidente Lula, de modo que houve um apagamento da presidenta em seu próprio governo, onde, mais uma vez, o foco não se voltava para ela, mas para os autores homens que a rodeavam. “*Posso dizer também que a Dilma era honesta, mas a boa cozinheira não é aquela que faz a comida ao seu gosto. A boa cozinheira é aquela que faz a comida ao gosto de quem ia comer.*”, entrevista com Paulo Maluf, deputado do PP, quando Petra questiona sobre as ações de Dilma em seu governo.

Verificamos uma fala de mesmo teor quando leitores do Facebook da Folha expõem suas opiniões em relação à ex-presidenta: “*ninguém quer dialogar com a Sra. vai lavar uma boa pia de louças vai!!*” (STOCKER; DALMASO, 2016, p. 683), trazendo as funções domésticas como atividades de destaque no mundo feminino. Outro comentário que chama atenção para a suposta incapacidade de Dilma como presidenta e como indivíduo passivo a seu governo: “Sra. Coração Valente não confunda humildade com ‘cara de pau’... E pessoal não a chamem de ditadora.. Ela não tem cacife pra isso coitada.. Não tá conseguindo nem ser marionete do Lulladrao...” (STOCKER; DALMASO, 2016, p. 685). Notamos, nessa direção, o papel ativo do sexismo e suas variações sociais na invisibilização e silenciamento de Dilma.

5. Impeachment de Dilma: O que está em jogo?

É crucial considerar o quadro real da sociedade contemporânea, o que significa analisar alguns dos discursos atuais que vivenciamos: ações coletivas, política, formação de opinião pública, sexismo enraizado socialmente, o papel da mídia. Marcon e Furlan (2020) recuperam o discurso de Taylor no tocante às fontes de preocupação que são o centro da realidade atual, identificando o individualismo, a primazia da razão instrumental e, por fim, a alienação da esfera política. Nesse sentido, um contraponto de destaque com o presente artigo é considerar a possibilidade da relação direta dos interesses individuais à alienação do sujeito no quesito política, alinhado ao discurso coletivo. Assim, o individualismo se caracteriza pelo excesso de foco no que diz respeito à esfera pessoal, onde o particular se sobressai na importância em detrimento do coletivo (MARCON; FURLAN, 2020).

De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), *impeachment* “é o processo político-criminal instaurado por denúncia no Congresso para apurar a responsabilidade...”; ou ainda, o Dicionário Aurélio Século XXI (1999) traz que caracteriza-se como o “ato pelo qual se destitui, mediante deliberação do legislativo, o ocupante de cargo

governamental que pratica crime de responsabilidade; impedimento”. Se o *impeachment* é iniciado pelos representantes da sociedade, ou seja, o coletivo, como devemos interpretar a relação *indivíduo X sociedade*?

Mencionamos, anteriormente, falas retiradas do documentário *Democracia em Vertigem* (2019), onde o discurso individual de defesa se pautava em narrativas como “*Por minha família*” e “*Pelo povo de Deus*”?, de modo que no primeiro caso ocorre o uso do pronome possessivo individual empregado “*minha*” e, no segundo, da expressão genérica “*povo de Deus*”, o que parece se tratar de estratégias de aproximação com um público que se identifique com os indivíduos, apontado por Capitão e Heloani (2007), como uma das condições intrínsecas para a formação de grupos. Para Foucault (2001, p. 785 *apud* GIMBO, 2018, p. 64), a governamentalidade refere-se ao “encontro entre as técnicas de dominação exercida sobre os outros e as técnicas de si”, trazendo à tona o questionamento quanto à potencialidade intrínseca ao sujeito de afetar a si mesmo, modulando assim sua forma de se autogovernar.

Eis aqui que um novo questionamento surge, nesse mesmo sentido, através da narrativa da autonomia ou heteronomia dos sujeitos quanto ao próprio eu e em relação ao outro: o sujeito se autogoverna, direciona-se por suas próprias vontades e leis ou o sujeito está subordinado aos comandos e ordenamentos externos a ele, impostos em um contexto além do próprio por meio das relações de poder? Diante disso, qual seria a relação desses pressupostos com os discursos fascistas e neofascistas do governo? Ou ainda, haveria algum tipo de relação a ser considerada?

Para Foucault, há duas definições da palavra conduta: uma, refere-se à atividade de formação de nossa conduta; a outra, às ações que se pautam na condução da conduta dos demais sujeitos (*apud* GIMBO, 2018). Gimbo (2018) traz à tona os legados de Foucault quanto à potência de auto afecção individual, marcada por um momento histórico individual, que o faz assumir condutas, valores, estilo, disciplinas, ideais que o definem em um si-mesmo. É o resultado dessa constituição subjetiva individual de cada sujeito, que as relações com o outro se constituirão, sendo portanto, indissociável uma da outra.

Trazidas tais considerações, ao abordar as temáticas como ações coletivas, política, formação de opinião pública, sexismo enraizado socialmente, o papel da mídia e afins, há de se destacar o elo entre todos, pautado em discursos que nem sempre se assemelham com figuras representativas distintas. Partindo desse ponto, Moritz e Rita (2020), apontam que o papel de gênero é uma das variáveis que se tornou presente no *impeachment* da então presidente Dilma, mas mais que isso, atravessa todo o processo político. O ex-deputado federal Jean Wyllys, durante seu discurso no momento de expor seu voto contrário ao *impeachment*, no documentário *Democracia em Vertigem* (2019), ele se diz “*constrangido por fazer parte desta*

farsa, desta eleição indireta, conduzida por um ladrão, urdida por um traidor conspirador e apoiada por torturadores covardes ... essa farsa sexista”.

É imprescindível que o sexismo e machismo sejam considerados como temáticas pertinentes para uma análise social coerente com a realidade vivenciada, e não apenas como um evento pequeno inserido em um contexto maior. No curso do presente artigo é possível constatar que o fator “gênero feminino” resultou em tomadas de decisões e cenários opostos aos que foram trilhados quando se tratava do sexo masculino, o que nos remete ao preconceito estrutural social, trazido aqui como o grande palco das discussões e direcionamentos dessa pesquisa.

As relações de autoafecção entre o indivíduo com ele próprio e com outro em relação aos discursos ocorre não só nos contextos em que se identifica o machismo e sexismo, como em qualquer tipo de relação social. O que ocorre é uma mudança de cenários, mas não de direcionamentos. Sendo assim, entendemos que por mais que haja um direcionamento e governamentalidade sobre o sujeito e suas ações e condutas, o mesmo possui autonomia para escolher, de acordo com sua subjetividade, agir em consonância ou não às possíveis coordenadas externas a ele próprio, ou seja, o sujeito é ativo diante de suas escolhas. Gimbo (2018, p. 71) nos traz que “uma subjetividade mesmo quando plenamente assujeitada pelo poder não deixa de se constituir de forma reflexiva, seja servindo, seja resistindo. Em uma palavra: tanto é possível resistir ao poder, quanto servir de forma voluntária”.

É indispensável pensar na articulação entre poder e discurso atrelado à autoafecção da subjetividade dos sujeitos. Subjetividade esta característica de cada indivíduo, direcionando a ética, valores, condutas, possibilidades da escolha própria, mesmo que influenciadas pelo outro, representadas pelas imagens de governo, discurso ou ainda, poder.

6. Considerações Finais

De modo geral, a relevância da temática proposta gira em torno da busca pela criticidade em relação ao plano social, esta como forma de armar a sociedade contra possíveis jogadas manipulativas, que, mesmo que minimamente, traz a possibilidade de autonomia aos sujeitos, como cidadãos atuantes de suas próprias realidades, considerando que tal posição autônoma pode ser explorada na prática cidadã, apreendendo perspectivas do espaço social democrático e conhecendo sua própria realidade nesse cenário. O conhecimento atua aqui como ferramenta para o exercício pleno da cidadania. A busca proposta acima visa investigar questões que se fazem valorados para uma possível mudança na realidade, não sendo uma forma de solucionar

o atual panorama brasileiro, mas trazendo à luz discussões sobre um tema que poderá instigar o indivíduo a reconhecer o seu papel social.

O resultado primordial esperado pela finalização da atual pesquisa possui intuito social, trazer, em certo grau, acessibilidade de conhecimento e informações acerca do efeito produzido pelas formas de discurso na sociedade, principalmente, o papel que o tema abordado desenvolve na política brasileira, trazendo efeitos práticos causados pela alienação mascarada por interesses que concernem ao público, no intuito de que ganhos próprios cheguem a termo. Logo, há aqui o almejo de contribuir para o arcabouço teórico do assunto em questão, acarretando, mesmo que minimamente, na maior alcançabilidade do tema e suas consequências sociais.

Sobre isso, refletimos no presente projeto, em relação às ações coletivas alienadas pela necessidade de liderança e pertencimento social, sobre a possibilidade da partidarização como uma das formas de pertencimento grupal. Entretanto, não vemos possível afirmar integralmente tal hipótese considerando apenas as informações dispostas no artigo em questão. Além disso, ao investigar o efeito da crise econômica de um país, foi possível concluir a participação desse argumento nas manifestações contra a permanência da ex-presidenta Dilma no poder, considerando que a pauta de corrupção entrou em cena com as investigações da Lava Jato e as pedaladas fiscais de Dilma. Com o desespero social projetado e instalado, Temer assume como presidente e, em 2018, os discursos de Bolsonaro ganham a população com a promessa de salvação de uma nação em crise, abarcada por dívidas e personagens corruptos. Ainda, vê-se a participação do sexismo e suas variações no processo de *impeachment* da ex-presidenta, como é possível visualizar nas falas tanto dos políticos quanto da população brasileira no geral.

E é nesse propósito de instigar o indivíduo a reconhecer seu papel na democracia, que ressaltamos a importância das políticas públicas como maneira de combater situações explicitamente sexistas, misóginas, patriarcais e machistas, para além do cenário do *impeachment* debatido por nós, por entendermos se tratar de um contexto geral na estrutura social democrática. O Estado tem por obrigação garantir que os cidadãos em situação de risco, desigualdade e/ou vulnerabilidade social estejam seguros. Logo, quando acionado por nossas reivindicações deve trazer a temática como possibilidade de implantação e melhorias dessas políticas públicas, a fim de resolver esses problemas sociais complexos. A estrutura social, através de cada indivíduo e suas escolhas, coordenadas ou não por uma liderança nas massas sociais, tem seus rumos direcionados de acordo com o que decidimos no âmbito individual e coletivo, não somente durante processo de impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff,

Concluimos que, por ser uma pauta complexa em sua existência, carregada de especificidades, há muito o que ser investigado e analisado, tratando-se de um trabalho que

demandará um conglomerado de perspectivas para que se alcance parte dessa complexidade e sua possível capacidade de gerar mudanças concretas no meio social.

7. Referências Bibliográficas

BOITO JR., A. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**. Salvador, v. 34, p. 1-23, 2021. Acesso em: 18 set. 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/abstract/?lang=pt>>.

CAPITÃO, C. G.; HELOANI, J. R. A identidade como grupo, o grupo como identidade.

Aletheia. São Paulo, n. 26, 2007. Acesso em: 17 março 2023. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a05.pdf>>.

DEMOCRACIA EM VERTIGEM. **Direção: Petra Costa**. Produção de Joanna Natasegara; Shane Boris; Tiago Pavan. Brasil: Netflix, 2019.

DORSA, A. C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Interações**.

Campo Grande, 2020, v. 21, n. 4, pp. 681-683. Acesso em: 03 nov. 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.3203>.

FERES, J.; SASSARA, L. O. O terceiro turno de Dilma Rousseff. **Saúde em Debate**. V. 40,

p. 176-185, 2016. Acesso em: 1 nov. 2022. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/0103-](https://doi.org/10.1590/0103-11042016S15)

[11042016S15](https://doi.org/10.1590/0103-11042016S15).

FERREIRA, A. B. C. Discurso, Ideologia e Poder: um ensaio sob a análise do discurso e estudos culturais. **UBI**. 2021.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.

FIORIN, J. L. Língua, Discurso e Política. **ALEA**. V. 11, n. 1, p. 148-163, 2009. Acesso em: 30 ago. 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alea/a/djMj5DwcxCY7wXK3nzPTwhf/?format=pdf&lang=pt>

FOUCAULT, M. L'ordre du discours. **Éditions Gallimard**. Paris, 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. A ordem do discurso. **EDIÇÕES LOYOLA**. São Paulo, ed. 3, 1996.

FREUD, S. A Repressão. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. **Imago**. Rio de Janeiro, 1975. v. XIV.

FREUD, S. *Gesammelte Werk e Studienausgabe*. 1920-1923. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. **Companhia das Letras**. 2011. Acesso em: 07 set. 2022. Disponível em:

<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13090.pdf?adlt=strict&toWww=1&redig=5BAD7C5327E64D86B32FCF1387EA8AB6>.

GALINDO, D.; MARTINS, M.; RODRIGUES, R. V. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. *In*: A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. **Centro Edelstein**. Rio de Janeiro, 2014.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **Editora Atlas**. São Paulo, ed. 4, 2002.

GIMBO, F. Entre autonomia e heteronomia: para uma concepção crítica de cuidado de si em Michel Foucault. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**. V. 25, n. 46, 2018. DOI: 10.21680/1983-2109.2018v25n46ID13054. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/13054>. Acesso em: 21 jun. 2023.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. **Ed. Objetiva**. Rio de Janeiro, 2001.

LE BON, G. *Psychology des foules*. Presses Universitaires de France. 1895. Psicologia das multidões. Tradução Ivone Moura Delraux. **Edições Roger Delraux**. 1980. Acesso em: 11 set. 2022. Disponível em: <https://www.1library.org/document/zxnjm2vq-le-bon-gustave-psicologia-das-multidoes-pdf.html?adlt=strict&toWww=1&redig=0168F12E59794F22A5C76A096985BFEB>.

LE MOS, F. C. S.; GALINDO, D. C. G.; BICALHO, P. P. G.; NASCIMENTO, R. D. S. Clínica-Política: coragem da verdade e crítica às democracias atuais. **CRV**. Curitiba, 2015, v.1, p. 21- 36.

MARCON, G. H.; FURLAN, R. A questão identitária na pós-modernidade: autenticidade e individualismo em Charles Taylor. **Psicologia USP**. V. 31, 2020. Acesso em: 1 nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190048>

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**. São Paulo, n. 55-56, p. 155-184, 2002.

MORITZ, M. L.; RITA, M. B. Mídia Impressa e Gênero na construção do impeachment de Dilma Rousseff. **Intercom - RBCC**. São Paulo, v. 43, n. 2, p. 203-223, 2020. Acesso em: 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/GqKkzKJdfWrGrMdhY8LBHBK/?lang=pt>.

NEGRI, A. *Pour une definition ontologique de la multitude*. *Rev. Multitude*. Paris, ed. Exils, n. 9, 2002. Tradução: Para uma definição ontológica da Multidão. **Lugar Comum**. N. 19-20. Acesso em: 18 set. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/7946676/Para_uma_definição_ontológica_da_Multidão_Antonio_Negri#:~:text=L%20U%20G%20A%20R%20C%20O%20M,imanência.%20A%20multidão%20é%20um%20conjunto%20de%20singularides.>.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. Wilhelm Reich Trust Fund. 1933. Tradução Maria da Graça M. Macedo. **Livraria Martins Fontes Editora LTDA**. São Paulo, ed. 2, 1988. Acesso em: 07 set. 2022. Disponível em: <https://www.livros.love/book/baixar-livro-psicologia-de-massas-do-fascismo-wilhelm-reich-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/?adlt=strict&toWww=1&redig=F3AD596BB88349989B338B599F5F7FD4>.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. **Editora Atlas**. São Paulo, ed. 3, 2012.

STANLEY, J. *Como Funciona o Fascismo: a Política do “nós” e “eles”*. **L&PM**. 2018.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. Metodologia de pesquisa em psicologia. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. **AMGH**. Porto Alegre, ed. 9, 2012.

STOCKER, P. C.; DALMASO, S. C. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2016.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. 2006, v. 14, n. 51, pp. 173-196. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000200003>.